

SELEÇÕES DE OURO: COPA DO MUNDO, LITERATURA E POLÍTICA NAS CRÔNICAS DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Vitor de Carvalho Pinto (UVA)

vitorcp96@gmail.com

Silvana Moreli Vicente Dias (UVA)

silmorelivdias@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo a análise de duas crônicas do escritor brasileiro Carlos Drummond de Andrade, escritas entre anos de 1960 e 1970, que discorrem, como tema principal ou de maneira tangencial, duas conquistas da Copa do Mundo pela Seleção Brasileira de Futebol, com ênfase na Copa do Mundo de 1970, ocorrida durante a Ditadura Militar. A análise é motivada pelo fato de haver uma diferença do tom utilizado pelo autor nas crônicas, que vai, ao longo do tempo, se alterando de uma exaltação da capacidade do Brasil como país em desenvolvimento a uma forte crítica endereçada ao partido então no poder. Desse modo, por meio de autores como Wisnik (2008; 2014), Rodrigues Filho (2010), Candido (2004; 2006) e Capraro (2003), este trabalho investiga como ocorre a mudança de tom na escrita de Carlos Drummond de Andrade nesses diferentes momentos, quais recursos linguísticos são utilizados e como ele emprega o uso do gênero crônica para alcançar o resultado que almejava com estes textos.

Palavras-chave:

Crônica. Futebol e Política. Carlos Drummond de Andrade.

ABSTRACT

The present work aims to analyze two *crônicas* by the Brazilian writer Carlos Drummond de Andrade, written between the 1960s and 1970s, which discuss, as the main theme or tangentially, two World Cup achievements by the Brazilian Soccer Team, with an emphasis on the 1970 World Cup, which took place during the Military Dictatorship. The analysis is motivated by the fact that there is a difference in the way the author expresses his thoughts in the *crônicas*, which changes from an exaltation of Brazil's capacity as a developing country to a strong criticism addressed to the party in power. Thus, through authors such as Wisnik (2008; 2014), Rodrigues Filho (2010), Candido (2004; 2006) and Capraro (2003), this work investigates how the change of tone in Carlos Drummond de Andrade's writing occurs in these different moments, which linguistic resources are used and how he employs the use of the *crônica* genre to achieve the desired result with these texts.

Keywords:

Crônica. Football and Politics. Carlos Drummond de Andrade.

1. Introdução

O presente artigo é fruto da pesquisa de monografia do autor, defendida no mês de junho de 2021, e trata das relações entre futebol, política e literatura por meio da análise de duas crônicas de autoria do escritor Carlos Drummond de Andrade. Para empreendê-lo, foi preciso fazer uma revisão bibliográfica que permitisse iluminar as relações que estes temas, aparentemente distantes, possuem entre si. Tal estudo foi de suma importância para que se pudesse entender qual era o contexto no qual as crônicas foram redigidas e quais foram as possíveis motivações do autor ao escrevê-las e publicá-las em jornais de grande circulação da época, a saber, *Correio da Manhã* e *Jornal do Brasil*.

O interesse pelo tema surgiu a partir da leitura da obra “Quando é dia de futebol” (Cf. ANDRADE, 2014), onde estão reunidos diversos textos de Carlos Drummond de Andrade que possuem como tema este esporte, dentre eles, as duas crônicas aqui estudadas (Cf. ANEXOS). A mudança de tom que existe entre os textos selecionados, ambos escritos poucos dias após duas conquistas da Copa do Mundo pelo Brasil, e a relação que o autor faz entre essas vitórias e a política do país suscitaram a curiosidade de investigar as razões pelas quais havia essa mudança nas formas de expressão pelo autor e os motivos que o levavam a usar o espaço daqueles textos para falar também da política nacional.

Este trabalho espera contribuir com a discussão em torno das ligações entre futebol, política e literatura, que acabam muitas vezes sendo negligenciadas, dada a tendência atual de divisão temática, que, em algumas situações, faz as pessoas se esquecerem que vivem em mundo em que tudo está essencialmente interligado. Busca, também, contribuir com os estudos da obra em prosa de Drummond e com a sua divulgação dentro e fora da academia.

2. Drummond e a Prosa

Carlos Drummond de Andrade, conhecido poeta do modernismo brasileiro, é tido como um dos maiores escritores brasileiros do século XX. Autor de importantes obras como “A rosa do povo” (1945), “Claro enigma” (1951) e “Boitempo” (1968), o autor foi e ainda é mundialmente conhecido por sua capacidade de manejar as palavras e versar sobre diferentes temas, que vão desde fatos cotidianos a questões profundas e de ordem existencial.

Uma faceta pouco conhecida de Drummond, apesar de, para o autor, esse aspecto de sua produção ter sido tão importante quanto o seu trabalho como poeta, é a sua atuação como jornalista e cronista. Tendo escrito mais de seis mil textos ao longo de 60 anos de trabalho jornalístico, o autor mineiro se utilizava de sua ironia e seu senso crítico típicos para falar de temas do cotidiano do brasileiro. Alguns desses textos foram editados em livros, como “Fala, Amendoeira” (1957), “De notícias & não-notícias faz-se a crônica” (1974) e o livro do qual foram retiradas as crônicas analisadas neste artigo, “Quando é dia de futebol” (2014). Martins faz apontamentos nessa direção:

O jornalismo, para Drummond, era algo essencial e definidor, uma face legítima, complementar e totalmente necessária de sua escrita e atividade literária, até mesmo de sua identidade profissional como escritor e intelectual, a ponto de declará-la como tal: “Sou um jornalista porque a vida toda estive ligado a jornal. Fui redator-chefe do Diário de Minas, onde, com muitos outros companheiros, fizemos a campanha modernista em Belo Horizonte e nos divertimos muito” (MARTINS, 2013, p. 4 *apud* TRAVANCAS, 2008, p. 128)

Apesar da maior parte dos seus textos publicados em jornais ser composta por crônicas, Drummond se aventurou por muitos gêneros e estilos próprios da escrita em prosa. De acordo com Antonio Candido:

Confissões de Minas foi o seu primeiro livro de prosa, e nele está a gama da sua virtuosidade fora do verso. Há crítica literária, estudos de personalidade, comentário lírico e anedótico sobre o cotidiano, mostrando que ele não é um cronista no sentido estrito, como são Rubem Braga, ou Rachel de Queiroz e Fernando Sabino quando fazem crônica. O que ele próprio chama assim são escritos de latitude maior, e por isso não houve espanto quando pouco depois publicou a novela *O gerente*, em modesto opúsculo das Edições Horizonte. Parecia que a ficção pura tinha saído naturalmente de um universo rico em imaginário e, ao mesmo tempo, penetração analítica. Universo cujos elementos ele modulou desde cedo a partir de um comando cada vez mais seguro da linguagem. Alguns anos mais tarde os *Contos de aprendiz* reuniam os seus escritos de ficção e o leitor tinha nova oportunidade para verificar este fato. (CANDIDO, 2004, p. 16)

Portanto, Drummond chama de crônica boa parte da sua obra em prosa, mas, se, por um lado, o poeta mineiro não está errado, por outro, não pode se deixar de destacar que, em tais textos, há elementos típicos de outros gêneros textuais. O autor parece se fixar na crônica mais para o final de sua carreira, sem deixar, no entanto, de trabalhar com outros gêneros e sem se prender fronteiras tipológicas.

É nessa diversidade de temas e gêneros literários que se encontram os textos drummonianos que tratam do tema futebol, que são tão

abundantes que deram origem ao livro “Quando é dia de futebol” (2014), editado postumamente. Em vários dos textos presentes no referido volume, há uma transversalidade de temas, em que o autor aproveita o gancho do futebol para discorrer sobre temas que transcendem o âmbito esportivo. No presente artigo, foram destacadas e analisadas duas dessas crônicas, nas quais o autor faz observações inteligentes sobre a vida política brasileira.

3. *Futebol e política*

As relações entre o futebol e a política são complexas e intrincadas em tantos pormenores que a tarefa de iluminá-las no espaço reduzido de um artigo exige uma certa seleção dos aspectos que não podem deixar de ser destacados. Portanto, busca-se aqui demonstrar como clubes e seleções de futebol são capazes de formar comunidades que os admiram para além de seus méritos estritamente esportivos. Isso ocorre pois, por meio de seus símbolos, cores e história, equipes esportivas têm o poder de representar valores alheios ao esporte. De acordo com Fonseca:

De fato, não somente o hino das agremiações, mas também as suas cores e seus símbolos remetem a uma identificação ou uma identidade simbólica com valores que podem ter sido construídos ao longo do tempo e que, não necessariamente, foram a causa do surgimento de determinado clube. Desta forma, a vinculação atual a uma agremiação segue sendo forjada pelas histórias contadas de pai para filho e a valorização de atributos que ganharam força com o passar dos anos em detrimento de outros que perderam a sua força persuasiva. Daí a formação de comunidades imaginadas em torno de clubes de futebol ou mesmo dos selecionados nacionais, nas competições organizadas pela FIFA. (FONSECA, 2016, p. 189)

O conceito citado no trecho acima, de comunidades imaginadas, é de autoria do cientista político estadunidense Benedict Anderson, e está presente no seu livro *Comunidades Imaginadas* (Cf. ANDERSON, 1983). De acordo com Anderson, uma nação não existe por si só, ou seja, não é um ente concreto, mas antes é imaginada a partir de valores e características que um dado grupo de indivíduos compartilha entre si. Tais características podem ser, por exemplo, a etnia, a religião ou o idioma, dentre outras. Também é possível, e mesmo ocorre muitas vezes, que a identidade de uma nação seja uma mistura complexa de duas ou mais destas características.

Transpondo tal conceito para equipes de futebol, tem-se que a escolha de um time por um grupo ou comunidade de torcedores também dá

origem a uma comunidade imaginada. Unidos sob a bandeira de um clube que, como pode se derivar do conceito acima, pode carregar valores que vão além do futebol, a adoção de uma equipe pode criar ligações muito fortes entre o clube e seu torcedor e entre seus próprios torcedores. Segundo Coelho:

[...] o futebol permite cumprir os objetivos do nacionalismo: a afirmação e celebração da unidade nacional e a diferença perante as outras identidades. Tal situação conduz a que os encontros de futebol internacional constituam ocasião única para o inevitável ondular da bandeira, seguindo o senso comum dominante de que é o prestígio do país e o orgulho pátrio dos seus habitantes que está em jogo. Não é por acaso que os estádios são os únicos locais onde encontramos regularmente milhares de pessoas a cantar, a plenos pulmões, o hino nacional em uníssono. (COELHO, 2004, p. 121)

Ao aplicar-se esta ideia não apenas a seleções nacionais, mas também a clubes, é possível afirmar que ser torcedor de um clube de futebol equivale a ser adepto de uma espécie de nacionalismo: os clubes possuem cores, bandeiras, uniformes e valores que unem pessoas que, em outras circunstâncias, provavelmente não teriam nada em comum, mas que durante uma partida são capazes de cantar em uníssono, movidos pelo amor ao seu time do coração.

Mas nem sempre a identificação de equipes com ideias e valores é utilizada de maneira saudável. Como se verá a seguir, foi feita uma tentativa de apropriação simbólica, por parte do governo militar brasileiro, da conquista da Copa do Mundo de 1970 pela Seleção Brasileira de Futebol. Ao tentar identificar as conquistas do time de futebol do Brasil com os candidatos do Arena, partido dos militares, os governantes brasileiros se mostravam atentos a essa dinâmica que envolve a política e os esportes e buscaram usá-la a favor de seus aliados. Drummond, sempre perspicaz, percebeu esse movimento e o denunciou em sua crônica “Seleção, Eleição”, uma das crônicas analisadas mais profundamente abaixo.

4. *Análise das crônicas selecionadas*

As crônicas escolhidas para análise são dois textos de autoria de Carlos Drummond de Andrade e publicados pela primeira vez nos jornais Correio da Manhã e Jornal do Brasil. Como mencionado anteriormente, os textos foram retirados do livro “Quando é dia de futebol” (Companhia das Letras, 2014), que reúne várias crônicas de Drummond que envolvem o tema futebol. Ambos os textos foram publicados poucos dias após

as conquistas da Seleção Brasileira de Futebol nas Copas do Mundo de 1962 e 1970. As crônicas trazem temas políticos e mostram a Seleção Brasileira como um símbolo. No primeiro texto, a Seleção é vista como uma resolução para os problemas que os governantes brasileiros enfrentavam. Já na segunda crônica, o time nacional é utilizado como um meio de promover o governo militar.

4.1. Seleção de Ouro

A primeira crônica a ser analisada intitula-se “Seleção de Ouro” e trata da vitória brasileira na Copa do Mundo disputada no Chile, em 1962. O texto foi publicado na edição de 20 de junho de 1962 do *Correio da Manhã*, três dias após a conquista. Na crônica, Carlos Drummond de Andrade demonstra uma certa preocupação com o futuro do Brasil, dizendo que a vitória no torneio seria a última chance do país de conseguir uma solução e superar suas dificuldades, e que esta era uma última chance dada por “Deus, talvez já um tanto fatigado de ser brasileiro”.

De maneira bastante irônica, Drummond sugere, em seu texto, que os jogadores da Seleção Brasileira sejam apontados como novos ministros de estado. Segundo o autor, os 11 jogadores titulares na Copa, juntamente com Pelé, que se machucou durante o torneio, o técnico Aymoré Moreira e o médico da seleção, Dr. Gosling, conseguiriam lidar satisfatoriamente com os problemas que as pastas ministeriais do Brasil enfrentavam.

O autor propõe, por exemplo, que Nilton Santos assuma o cargo de ministro da justiça, que o goleiro Gilmar seja o ministro da fazenda, e diz que Zagallo poderia se encaixar em várias pastas, devido à sua polivalência. Pelé, de acordo com Drummond, poderia ser um “ministro sem pasta”, mas que ainda assim honraria o cargo. Aqui, o autor faz uma possível referência ao fato de Pelé ter participado pouco da Copa do Mundo, por ter se contundido. Durante estas descrições, também chamam atenção com cenas da literatura brasileira, como quando cita as saúvas, imagem presente em “Triste fim de Policarpo Quaresma” (1915), de Lima Barreto que também seriam retomadas por Antônio Callado em “Quarup” (1967).

Drummond finaliza sua crônica dizendo que aquele seria o “ministério de união nacional”. A partir deste trecho, infere-se que o autor, grande entendedor de política, percebia que uma união em prol dos inte-

resses do Brasil era necessária. Entretanto, tal união não aconteceu, e a instabilidade política que o país vivia teve como resultado o Golpe Militar de 1964.

4.2. Seleção, Eleição

A segunda crônica selecionada possui o título “Seleção, Eleição” e foi publicada no *Jornal do Brasil*, no dia 09 de julho de 1970. Neste texto, é possível ver um Drummond ainda mais irônico e desesperançoso, que critica fortemente o partido então no poder, o Arena. O partido hegemônico utilizava a conquista do tricampeonato da Copa do Mundo daquele ano como um meio de conseguir votos nas próximas eleições gerais, que seriam realizadas no mês próximo de novembro.

A Copa do Mundo era uma oportunidade para o desvio de foco das situações que o Brasil enfrentava. No lugar de se preocuparem com os problemas que precisavam ser solucionados, a atenção era voltada para a seleção brasileira, que buscava conquistar a Taça Jules Rimet de maneira definitiva ao se tornar a primeira seleção tricampeã do mundo. Como Marczal escreve, a Copa “serve à manifestação passional da população, sobrepondo conflitos e tensões do cotidiano sob a forma de expressão popular espontânea que se interpõe, efemeramente, à realidade social” (MARCZAL, 2013, p. 9).

O autor critica o fato de o partido reivindicar para si todas as conquistas do país, o que criaria uma competição muito injusta com os outros concorrentes. Por outro lado, mostra que o Arena era inteligente ao usar as conquistas esportivas de atletas enquanto representantes do Brasil, pois sabia que o uso político das conquistas de times como Flamengo ou Fluminense criaria uma antipatia com a torcida dos times rivais daquele que foi escolhido para uma possível propaganda.

Drummond termina sua crônica afirmando que só apelando para este tipo de propaganda o Arena seria capaz de vencer a oposição e que, sem a máquina pública, o partido dos militares seria derrotado.

O pessimismo demonstrado por meio da ironia de Drummond neste texto é um forte indício para a interpretação de como Drummond via a situação política do Brasil. O país sofria uma escalada de problemas políticos, e 1970 pode ser considerado um dos momentos mais tensos da perseguição política cometida pelos militares. Portanto, o modo como Drummond externa seus sentimentos nos textos não são apenas expres-

sões das melhores características do estilo do autor, mas também reflexos, mediados pelo gênero crônica, de um dos períodos mais violentos e sombrios da história do Brasil.

5. Conclusão

Este artigo buscou lançar um olhar para as relações que existem entre futebol, política e literatura ao trazer crônicas que relacionam estes temas por meio da prosa de Carlos Drummond de Andrade. A partir das análises aqui empreendidas, é possível dizer que Drummond não estava alheio aos acontecimentos políticos do Brasil da época, e não se furtava de expressar suas opiniões acerca do assunto nem mesmo quando escrevia em espaços normalmente voltados à distração ou ao divertimento, como normalmente são as colunas de crônicas dos jornais brasileiros. A mudança na maneira como o autor se expressa, indo de um esboço de esperança na primeira crônica a uma ironia desesperançada na segunda crônica analisada, demonstra que o autor sabia como utilizar seu repertório estilístico para alertar seus leitores a respeito do que observava na política brasileira.

Espera-se que tenha sido possível instigar o interesse por esta parte menos divulgada da obra de Drummond e que a leitura crítica das duas crônicas aqui anexadas e analisadas possa ter contribuído, mesmo que um pouco, com as discussões relacionadas às conexões existentes entre literatura, futebol e política na segunda metade do século XX.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACHCAR, F. *Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Publifolha, 2000.

ANDERSON, B. *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANDRADE, C. D. *Quando é dia de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

CANDIDO, A. *Recortes*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2004.

COELHO, J. N. Ondulando a bandeira: futebol e identidade nacional. *Relações Internacionais*, p. 119-25, jun. 2004.

CAPRARO, A. M. O Football e a Crônica Literária do Início do XX: tênue relação e tensões sociais. In: ANPUH – XXII Simpósio Nacional de História, João Pessoa, 2003.

DAMATO, M., BORBA, A. *et al. Todas as Copas: 1930 a 1998*. Rio de Janeiro: Areté, 2002.

FAUSTO, B. *História do Brasil*. 12. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006.

FONSECA, V. Clubes de futebol: lugares e territórios possíveis. *Revista Interface*, n. 11, p. 183-201, mai. 2016.

MARCZAL, E. B. Futebol, Política e Imprensa: Representações sobre a Vitória “Brasileira” na Copa do Mundo de 1970. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*, São Paulo, jul. 2011.

MARTINS, R. A. F. A Crônica de Carlos Drummond de Andrade: Visões e Impressões sobre a Sociedade, a Cultura e o Cotidiano Brasileiro. *Recorte Revista Eletrônica* (Online), v. 10, n. 1, jan./jun. 2013.

RODRIGUES FILHO, M. *O Negro no Futebol Brasileiro*. 5. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2010 [2003].

WISNIK, J. M. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008

ANEXOS

Anexo 1

SELEÇÃO DE OURO

(Publicado no Correio da Manhã, em 20/06/1962)

A vitória da Seleção Brasileira na Copa do Mundo lavou os corações, desanuviou os espíritos, entusiasmou as filas, uniu os desafetos e tornou possível a solução imediata dos problemas que nos afligem. Não há hesitação possível. Ou tiramos deste triunfo as consequências que comporta, ou desperdiçamos a última e grande chance oferecida por Deus, talvez já um tanto fatigado de ser brasileiro.

Este bi veio na hora H. Os políticos procuram um rumo para a nação e não o encontram, ou querem encontrá-lo fora do lugar. A mudança do gabinete, que devia ser caso de rotina, assumiu ares de problema grave, e ninguém sabe como compor a nova equipe dirigente. Ninguém? É exagero. Modestamente vos proponho a equipe ideal, que não é nem pode ser outra senão a equipe detentora da Taça Jules Rimet. O Correio da Manhã pediu um time de ministros tão bem selecionado como o time de futebol; é o próprio.

Reparem que o gabinete se compõe de treze ministros mais um presidente de conselho. Nossos onze campeões são catorze, inclusive Pelé, o técnico Aymoré e o dr. Gosling. Trata-se de um ministério escolhido pelo destino, e é só dispor cada homem na posição correta. Naturalmente o primeiro-ministro há de ser Mauro, capitão do escrete. Bem o merece. É zagueiro, isto é, jogador da defesa e não do ataque, e isso convém a um primeiro-ministro, que se requer cauteloso, resistente, preocupado em proteger nossa vasta retaguarda. Foi reserva muitas vezes e exercitou a virtude da paciência; sabe o que é assistir jogo da arquibancada, ou seja, do ostracismo.

Um velhinho sabido como Nilton Santos fica certo na Justiça, para distribuí-la ou negá-la como de mister, impor respeito e conduzir o jogo político à base de vivências, usando, se preciso, seus traiçoeiros disparos. Na Fazenda, pede-se Gilmar, tão econômico no deixar passar gols; defendeu a meta como o Tesouro. E para chanceler, quem melhor do que Didi, professor de curso internacional, apto a aplicar a elegante e estilizada folha-seca nos momentos de tensão nuclear, e a estabelecer desse modo nossa independência no meio do campo das nações?

Zagallo, ministro para várias pastas. Não sei se o colocamos em Agricultura, formiguinha que é, para entrar em cheio nas saúvas e desbaratá-las; em Indústria e Comércio, em Minas e Energia ou na Viação, dada a sua capacidade de estar em todas. Depende da pasta que reservamos a Garrincha, mas todo o ministério é pouco para este em sua simplicidade arguta. Em todo caso, lembro Aeronáutica, pois com suas fintas, dribles e escapadas impossíveis, atravessar o campo entupido de adversários é para ele o mesmo que voar em céu desimpedido, qual passarinho. Mas seu Mané escolha o que lhe aprouver, jogando até de cabeçada, no Trabalho, ou de jacaré, na Marinha, e deixando Guerra para ser sorteado entre Vavá e Amarildo. Sendo que o garotão também pode ser útil na Educação, entre estudantes grevistas, mais garotos ainda do que ele, aos quais saberia falar como papagaio e convencer como campeão.

Não esquecer Djalma, Zózimo, Zito; Pelé, até ministro sem pasta honraria o gabinete. O dr. Gosling, é claro, vai para a Saúde, e Aymoré, reabilitado, não é problema. Há lugar para todos. Espero que o PSD, a UDN e o PTB, ex-donos da bola, não me venham com reivindicações bobas. Este é o ministério de união nacional.

Anexo 2

SELEÇÃO, ELEIÇÃO

(Publicado no Jornal do Brasil, em 09/07/1970)

“Chute em gol: vote na Arena e ganhe na Loteria Esportiva.”

“Bote na Câmara a Seleção da Arena.”

“A Arena, cem por cento esportiva, garante um ataque fabuloso e uma defesa ainda melhor.”

“Vote na Arena, que conquistou a Taça Jules Rimet para você.”

Estes são alguns dos slogans que leremos e ouviremos daqui a pouco, ao abrir-se a campanha eleitoral (não esquecendo os jingles de Miguel Gustavo). A Arena recebeu instruções: deve esforçar-se por motivar o eleitorado, acenando-lhe com as nossas (suas, dela) vitórias esportivas no exterior, que, desta maneira, se transformarão em vitórias políticas no interior.

Naturalmente, certa cota de publicidade individual será concedida aos candidatos (arenistas), e surgirão mensagens neste estilo:

“O Tri é do povo e José Gomes também.”

“Um torcedor para senador: Pedro Polenta.”

“O tiro de Rivelino, a experiência de Manuel Faustino.”

“Tostão na Seleção, Leo Machado no Senado.”

“O Rei é Pelé, mas o deputado é Mário Nazaré.”

“Quer o IV Campeonato? Eleja Raimundo Nonato.”

“Mais um! Mais um! Silvestre Mutum.”

Etc. Ideias não faltam, e nomes. Aí estão Jairzinho, Brito, Clodoaldo, Gérson, Carlos Alberto, Zagallo, Jalisco, Guadalajara, caneco, esta é nossa, ninguém segura este país, toda a passional mitologia da Copa. Eleição com esses trunfos, e a taça ainda quente, brandida com exclusividade pelos donos oficiais da bola, será barbada para a Arena. Pobre do MDB, que lhe sobra para sensibilizar o eleitor? Talvez nossos êxitos internacionais no vôlei, no basquete, no tênis, no hipismo, no automobilismo? Pois sim. A Arena adjudicou-se igualmente o automobilismo, o hipismo, o tênis, o basquete, o vôlei, o futebol de botão, o jogo de palitos de fósforos, qualquer modalidade de esporte em que brilhe, lá fora, um brasileiro. Ganhou, já sabe: ela papa.

Ficará a oposição com os êxitos esportivos internos? C'est une bien maigre pitance. As vitórias dos grandes clubes são polêmicas, dividem mais do que somam, ao contrário das vitórias de seleções nacionais, que provocam a unidade instantânea, absoluta. Se o MDB explorar os sucessos do Mengão-70, levará pau da torcida do Botafogo e do Fluminense, e reciprocamente. O mesmo com relação a Cruzeiro, Atlético, Santos, São Paulo, Corinthians... Votos perdidos. Pelo sistema proporcional, que costuma vigorar em algumas democracias, seria simpático a Arena deixar ao MDB uma parcela das glórias atléticas do Brasil por esse mundo de Deus.

Consentiria, por exemplo, em ceder, não digo Pelé e Tostão, o que seria crime contra a segurança nacional, mas Dario, Edu, Baldocchi, Fontana – a regra três – aos emedebistas filhos de Eva. A Arena, porém, considera que a Seleção não é repartível, feito bolo de aniversário. Quem ficou na reserva é igualmente campeão do mundo, e os campeões, seus dribles, passes, chutes, chuteiras e camisas suadas lhe pertencem, e tudo isso vai ganhar uma eleição. Lindamente.

— Mas você tem três goleiros, não precisa de tanto. Me dá o Leão! — suplica o deserdado partido minoritário.

— Leão? Com esse nome, você pensa que me desfaço dele? — rugiu, implacável, o alto comando arenista.

— Me dá o Ado, então!

— Negativo. A Copa é minha e do governo, de mais ninguém. Por que você não fica com os tchecos, os romenos, os ingleses? Fica com eles! O Alf Ramsey é uma gracinha, faz a campanha em torno do Alf Ramsey!

Consolo único do MDB é filosofar em sonho, onde tudo é permitido, principalmente o absurdo:

— Também, se a Arena não entrasse com a Seleção, eu queria ver ela ganhar a Taça do Congresso.